



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

CIÊNCIAS NATURAIS

**SEXUALIDADE E ENSINO DE CIÊNCIAS: UM PANORAMA DAS
PESQUISAS PUBLICADAS NO ENPEC**

AUTOR: Gabriel Parente Oliveira

ORIENTADORA: Profa. Dra. Jeane Cristina Gomes Rotta

COORIENTADOR: Mateus Faustina Salazar da Rocha



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

CIÊNCIAS NATURAIS

SEXUALIDADE E ENSINO DE CIÊNCIAS: UM PANORAMA DAS PESQUISAS PUBLICADAS NO ENPEC

AUTOR: Gabriel Parente Oliveira

ORIENTADORA: Profa. Dra. Jeane Cristina Gomes Rotta

COORIENTADOR: Mateus Faustina Salazar da Rocha

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção de título de Licenciado do Curso de Ciências Naturais, da Faculdade UnB Planaltina, sob a orientação da Profa. Dra. Jeane Cristina Gomes Rotta e coorientação Mateus Faustino Salazar da Rocha

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho a todos àqueles que acreditam que a ousadia e o erro são caminhos para as grandes realizações.

RESUMO

O ensino da sexualidade nas escolas é um tema que envolve aspectos históricos, sociais e culturais. O objetivo desse trabalho foi realizar um levantamento nas Atas do XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ensino de Ciências (ENPEC) para conhecer como o tema sexualidade tem sido abordado. A metodologia foi qualitativa e foi realizada nas edições do XIV ENPEC que ocorreu 2023, resultando na seleção de oito trabalhos. O método de análise foi a temática que resultou em três temas: 1- Percepções dos professores; 2- Recursos didáticos e 3- Escola: sexualidade e gênero. Os trabalhos indicaram avanços e retrocessos, refletindo uma desconexão entre a escola e a sociedade contemporânea, que demanda uma abordagem mais inclusiva e respeitosa da diversidade sexual. A sexualidade, enquanto uma construção social, é influenciada por ideologias e interesses dominantes, muitas vezes reduzida a uma visão biologizante que ignora a diversidade das expressões individuais.

Palavras-chave: Educação Sexual, Diversidade de Gênero, Sexualidade na Educação.

INTRODUÇÃO

A sexualidade humana tem sido tema de pesquisas de diferentes áreas do conhecimento e a produção do conhecimento sobre esse tema é reflexo de uma construção histórica e social, influenciada pela ideologia e interesses da classe dominantes que o reduzem a uma função biologizante. No entanto, quando é focada apenas a perspectiva biológica, são desconsideradas as diferentes formas de expressarmos a sexualidade, que é construída por indivíduo, mas que tem impactos de aspectos culturais e sociais (Louro, 1997; Coelho; Campos, 2015; Leite; Meireles, 2021).

Dessa forma, compreendo que o ensino de sexualidade é um tema que atravessa diversos espectros disciplinares presentes nas escolas, sendo um assunto que compõe a realidade dos estudantes e a sua compreensão se torna necessária para o convívio social de respeito e acolhimento à diversidade. Nesse sentido, os professores precisam abordar a sexualidade considerando as emoções e percepções que os alunos têm sobre o tema, as quais são moldadas pelas vivências em sociedade, na família e em instituições religiosas (Silva et al., 2023).

O ensino de sexualidade no Brasil se iniciou no século XX e desde então teve avanços e retrocessos. Nos anos de 1980 discussões sobre a importância de educação sexual nas escolas se intensificaram, enquanto nos anos de 1990, o alto índice de gravidez de adolescentes e a epidemia de aids, a doença causada pela infecção do Vírus da Imunodeficiência Humana, forma responsáveis por ações governamentais que inseriram essa temática nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), como tema transversal em “Orientação sexual” (Silva et al., 2023).

Esse cenário ressaltou a importância da escola tratar desse assunto como algo presente no cotidiano dos estudantes e que fosse compreendido como uma parte intrínseca e essencial da natureza humana, sendo percebida como "algo inerente, fundamental e fonte de prazer na existência" (Brasil, 1998, p. 317). Os PCN apresentaram importantes contribuições para orientar os docentes na inserção da educação sexual em diferentes disciplinas curriculares, além de orientar que essa fosse organizada com base de três eixos norteadores: “Corpo: matriz da sexualidade”, “Relações de gênero” e “Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis/AIDS”.

Na atualidade, é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que normatiza a elaboração dos currículos das instituições de ensino públicas e privadas. Esse documento apresenta temas

transversais, conhecidos como “Temas contemporâneos transversais na BNCC”, mas que não contemplaram a temática sexualidade e termos como gênero e orientação sexual. Percebe-se um retrocesso desse documento em relação os PCN e a ausência dessas temáticas foi resultado das pressões da bancada religiosa do Congresso Nacional (Resende, 2024).

Nesse contexto, o termo gênero relacionado às questões de orientação sexual foi excluído “no componente curricular de Ciências da Natureza, uma área diretamente ligada com as questões biológicas, sexuais, com transformações do corpo, etc.” (Araújo, 2022, p. 272). Apesar desse retrocesso, é factual a importância dessa aproximação escola e sociedade, usando o cotidiano como forma de contextualização, demonstrando a ligação do tema com a vida, a saúde, ao prazer e ao bem-estar (Louro, 1997; Leite; Meirelles, 2021).

Essa exclusão na BNCC está na contramão da atualidade, posto que as abordagens sobre diversidade de gênero vêm tomando espaço com o passar do tempo, desde da abertura política na década de 1980, onde movimentos sociais levantaram questões de conscientização sexual nas escolas. No entanto com a pressão popular e religiosa, o controle e a preparação de professores para esse ensino foram fragilizados a partir de 2011 (Pereira; Monteiro, 2015). De acordo com as autoras, há um tabu que resulta em uma falta de diálogo que dificultam a abordagem desse conteúdo, tornando complexo o processo no qual pode-se discutir, compreender e valorizar a diversidade sexual e a igualdade de gênero.

Em síntese, o interesse em pesquisar sobre esse tema surgiu a partir da observação da lacuna relativa à inclusão de conteúdos voltados para a sexualidade e a diversidade de gênero na BNCC. Esse entendimento me foi despertado em um momento de formação, durante uma disciplina ministrada pela professora Dra. Juliana Eugênia Caixeta e a doutoranda Andreia Lelis Pena, que abordava sobre educação e sexualidade, no qual me gerou questões e um interesse pela abordagem integradora dessa temática com o ensino de Ciências. Nesse contexto, o objetivo desse trabalho foi realizar um levantamento nas Atas do XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ensino de Ciências (ENPEC) para conhecer como o tema sexualidade tem sido abordado.

REFERENCIAL TEÓRICO

A abordagem da sexualidade nas instituições educacionais enfrenta desafios no Brasil, entre eles tabus culturais, resistências religiosas e falta de preparo dos profissionais de ensino

são barreiras que impactam a implementação de programas educacionais abrangentes. A superação desses desafios requer uma mudança de paradigma, promovendo o diálogo aberto e a compreensão da diversidade sexual (Louro, 1997; Pereira; Monteiro, 2015; Leite; Meirelles, 2021).

No contexto escolar, observa-se essa falta de experiência e exploração do tema, pode ser visto como o, “Que palhaçada é essa?”, conforme relatado pelos autores Costa e Silva (2017). Posto que alguns professores têm dificuldades em dialogarem sobre esse tema. Esse fato pode ser devido a inexperiência dos educadores de Ciências Naturais frente ao tema, gerais especulações quanto a necessidade de explorar essas dificuldades.

Nesse sentido, inserção nas escolas da educação sexual está intrinsecamente ligada à formação adequada dos profissionais de ensino. Portanto, é preciso investir em programas de formação que abordem não apenas aspectos biológicos, mas também psicológicos e socioculturais da sexualidade. Desse modo, os professores poderão promover ambientes educacionais inclusivos e livres de discriminação (Leite; Meirelles, 2021).

Os debates frente ao tema, ganham força na sociedade no decorrer do tempo, onde nota-se uma necessidade do debate em sala de aula. Previsto nos PNC, a sexualidade é vista como algo específico a ser tratado pelo professor de ciências. No discurso de Lago, Tarouco e Silva Junior, (2016), impõem-se uma visão do modernismo e pós-modernismo, onde no modernismo a sociedade era ligada totalmente aos dogmas da igreja e costumes religiosos e após a virada do século, nota-se uma quebra nos paradigmas e expõe uma sociedade livre, criando e desfrutando dos seus costumes, uma vez escondido.

No entanto, observa-se que a BNCC tem uma abordagem superficial em relação a questões como identidade de gênero e orientação sexual, refletindo tensões sociais e políticas que permeiam o documento. Essa superficialidade pode dificultar a efetiva promoção de um ambiente escolar que acolha e valorize todas as formas de expressão da sexualidade, deixando brechas para interpretações restritivas e preconceituosas (Araujo, 2022).

Para entender a sexualidade no contexto educacional e compreender sua importância social, é necessário familiarizar-se com os termos utilizados na educação, tanto formal quanto informal. Vieira e Leite (2022) identificam os termos mais frequentemente empregados, tais como “Educação Sexual”, “Educação da Sexualidade”, “Orientação Sexual” e “Educação para a(s) Sexualidade(s)”. Estes termos são mencionados em relação às abordagens discutidas

sobre a prática educacional relacionada ao ensino de atitudes e outros fatores relevantes em relação à sexualidade no ambiente escolar.

Por outro lado, Morando e Souza (2019) afirmam que a sexualidade é uma questão que precisa ser analisada em diferentes contextos sociais e culturais que se refletem nos comportamentos e nas vestimentas tanto de meninos quanto de meninas. Na escola, essa discussão pode ocorrer de diversas maneiras, como parte do currículo, em aulas ministradas pelos professores, em livros didáticos e em rodas de conversa, sendo essencial para ajudar os estudantes a compreenderem a importância da sexualidade desde a adolescência.

Apesar das lacunas na formação docente, a atuação dos professores no ambiente escolar ainda enfrenta grandes desafios para abordar a temática da sexualidade. No entanto, para que o ensino ocorra o mais importante é a criação de ambientes propícios ao diálogo, bem como a promoção de momentos de construção e reconstrução do conhecimento (Sampaio, 2022).

Além do mais, os professores ainda parecem não assumir esse compromisso, e a sexualidade, compreendida em seu aspecto social e histórico, continua sendo negligenciada nos currículos escolares, na prática docente e nos cursos de formação de professores. Quando abordada na escola, geralmente é reduzida a questões biológicas e reprodutivas. Esse reducionismo perpetua significados biologizantes, como a crença na existência de um “gênero original” que corresponde automaticamente ao sexo biológico (Coelho; Campos, 2015).

No contexto educacional, Morando e Souza (2019) afirmam que as técnicas pedagógicas e os espaços de discussão com os alunos precisam ser planejados pelos docentes, levando em consideração a diversidade de valores, hábitos e gestos dos estudantes. Além de evitar tabus que ainda permeia a sociedade e a escola. Nesse sentido, as práticas docentes e, especialmente, a disciplina de Ciências Naturais podem desempenhar um papel importante no ensino de conteúdos relacionados à sexualidade. O ensino de ciências pode incluir temas como genética, reprodução e células, permitindo que os alunos compreendam esses assuntos.

Portanto, os professores precisam compreender os termos e abordagens relacionados à educação sexual, e assim, favorecerem a promoção de uma compreensão da sexualidade para além de uma visão biológica e reprodutiva (Leite; Meirelles, 2021).

METODOLOGIA

Esse trabalho utilizou a abordagem metodológica qualitativa que busca compreender a motivação do fenômeno em contexto, sem quantificar o objeto desse estudo. Deste modo, analisa-se o objeto de estudo em contexto, investigando a justificativa de ocorrência desse. O delineamento quanto ao procedimento técnico para a obtenção dos dados foi uma pesquisa bibliográfica, na qual a investigação é com base em materiais já publicados (Prodanov; Freitas, 2013).

O Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC) é um evento bienal promovido pela Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC). É considerado pelos pesquisadores o evento mais importante nacional, com impacto por reunir diversos pesquisadores e linhas de pesquisa promovendo o diálogo e troca de ideias. A pesquisa foi realizada nas edições do XIV ENPEC que ocorreu 2023, onde foram publicados um total de 1049 trabalhos.

Como palavra-chave foi utilizado o termo “sexualidade” e foram encontrados oito trabalhos que abordam esse tema. Para o procedimento de análise, utilizou-se a Análise temática que foi realizada com base na leitura dos resumos e na maioria dos casos, a leitura dos trabalhos completos (Quadro 1).

Quadro 1: Trabalhos selecionados nas atas do ENPEC em 2023

Código	Título do trabalho	Autores
T01	GÊNERO E SEXUALIDADE NAS AULAS DE CIÊNCIAS: EM ANÁLISE A NOÇÃO DOS DOCENTES ENTREMEADA PELO CURRÍCULO DE CIÊNCIAS NO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	Jane Gabrielle da Silva Moura, Danielle Dias da Costa
T02	GÊNERO, SEXUALIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES - UM DIÁLOGO TEÓRICO ENTRE PAULO FREIRE, MAURICE TARDIF E GUACIRA LOPES LOURO	Carla Karine Oliveira Martins, Vera de Mattos Machado, Keissy Carla Oliveira Martins
T03	GÊNERO, SEXUALIDADE E LIVROS DIDÁTICOS: DESAFIOS E PISTAS POSSÍVEIS NA EDUCAÇÃO EM BIOLOGIA	Sandro Prado Santos, Matheus Moura Martins
T04	MOVIMENTOS CONSERVADORES E O ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA: DESAFIOS AOS DEBATES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADES NAS SALAS DE AULA	Julia Dionísio Cavalcante da Silva, Sandra Lúcia Escovedo Selles
	O PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT: CONTRIBUIÇÕES	Maria da Conceição

T05	PARA A EDUCAÇÃO DO ENSINO DE BIOLOGIA E DE CIÊNCIA NO COMBATE DA DISCRIMINAÇÃO CONTRA A HOMOSSEXUALIDADE	Costa Melo
T06	SEXUALIDADES EM JOGO NO CURRÍCULO ESCOLAR	Narla Mota Junior, Ricardo Santos do Carmo
T07	SINERGIAS E ALERGIAS ENTRE O ENSINO DE QUÍMICA E A TEMÁTICA DE GÊNERO E SEXUALIDADE	Joice Hinkel, Mariana Brasil Ramos, Luciana Passos Sá
T08	TENSÕES E INTERAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE PARA UM ENSINO DE BIOLOGIA	Lara Casarim Leite, Felipe Bastos

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A análise temática é uma metodologia que consiste em identificar, analisar e relatar padrões (temas) dentro dos dados qualitativos. Essa abordagem busca sistematizar e interpretar o conteúdo coletado, como entrevistas, textos e observações, para compreender as experiências, percepções e significados atribuídos pelos participantes (Rosa; Mackedanz, 2021).

O processo envolve etapas como a familiarização com os dados, a codificação inicial, a busca por temas significativos, a revisão e a definição dos temas, e, finalmente, a interpretação e apresentação dos resultados. Nessa pesquisa foram identificados três temas: 1- Percepções dos professores; 2- Recursos didáticos e 3- Escola: sexualidade e gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1- Percepções dos professores.

Nesse tema foram identificados três trabalhos T01, T02 e T04. O trabalho T01 realizou um estudo qualitativo que investigou como professores do 8º ano do ensino fundamental no Amapá abordavam gênero e sexualidade nas aulas de Ciências. Utilizando entrevistas e análise de materiais didáticos, a pesquisa revela que, embora os docentes demonstrassem abertura para discutir identidade de gênero e respeito à diversidade, a maioria ainda prioriza uma visão heteronormativa da sexualidade, principalmente no que se refere à reprodução humana e às infecções sexualmente transmissíveis. A análise, fundamentada em autores como Michael Foucault e Guacira Louro, apontou para a necessidade de um currículo

problematizador que desconstrua as normas sociais e promova uma compreensão mais abrangente e crítica de gênero e sexualidade. A pesquisa conclui que, apesar da boa vontade dos professores, é preciso ir além da simples tolerância à diversidade, problematizando as relações de poder que perpetuam desigualdades.

O trabalho T02 discutiu a formação de professores considerando a importância da abordagem de gênero e sexualidade na prática educativa. Os autores argumentam que a escola desempenha um papel importante na construção de identidades sociais, podendo perpetuar ou combater a opressão. Utilizando os trabalhos de Paulo Freire, Guacira Lopes Louro e Maurice Tardif, o estudo analisa as necessidades formativas docentes para lidar com questões de gênero e sexualidade, propondo uma formação crítica e reflexiva que considere os saberes docentes, a desmistificação da realidade e o combate às desigualdades. O objetivo foi provocar reflexões sobre a responsabilidade política e ética do professor na construção de um ambiente escolar inclusivo e emancipatório.

Finalizando esse tema, o trabalho T04 analisou o impacto de movimentos conservadores, particularmente o "Escola Sem Partido", sobre o ensino de Ciências e Biologia no Brasil. A pesquisa centra-se nas experiências de professores que enfrentam restrições à discussão de temas como gênero e sexualidades em sala de aula, decorrentes da pressão de grupos conservadores e religiosos. O estudo utiliza relatos de professores para ilustrar as estratégias de resistência e os desafios enfrentados na implementação de um currículo inclusivo e laico, revelando a tensão entre a autonomia docente e as pressões políticas e sociais. A conclusão destaca a necessidade de defender a laicidade na educação e a liberdade de ensino para combater o cerceamento da discussão de temas socialmente relevantes nas escolas.

Infelizmente os professores possuem pouca formação sobre os temas gênero e sexualidade e isso é um obstáculo para a realização das práticas docentes. Além disso, há uma tendência em se abordar em sala de aula os conceitos biomédicos, desconsiderando a globalidade em que estão inseridas as relações de gênero e sexualidade (Vieira; Leite 2022). Coelho e Campos (2015) destacam que dentro da perspectiva social, os professores de Ciências precisam estar preparados para abordar temas relacionados a sexualidade com os alunos.

No entanto, existe então uma pressão feita aos professores de Ciências de que eles devem tratar de um assunto que envolve outras esferas de conhecimento além da científica. Posto que a abordagem de sexualidade no ensino de ciências está associada diretamente ao campo da

biologia (Coelho; Campos, 2015). Além disso, sexualidade e gênero são conceitos que estão cristalizados em definições históricas e sociais, sendo tratadas como verdade ao longo da história e se existe um esforço contínuo e longo para, aos poucos, modificar esse entendimento (Louro, 2014).

2- Recursos didáticos

Nesse tema foram identificados os trabalhos T03 e T06. O trabalho T03 analisou a representação de gênero e sexualidade em uma coleção didática de Biologia ("Multiversos"), utilizando a cartografia como metodologia. Os autores identificaram duas formas de abordagem: uma "educação em biologia maior", que reforça a cis heteronormatividade e modelos binários, e uma "educação em biologia menor", que promove a discussão de gêneros e sexualidades diversas, rompendo com normas e oferecendo espaços para experimentação. A pesquisa busca, através da poesia de Manoel de Barros, vislumbrar e propor alternativas pedagógicas mais inclusivas e menos restritivas, questionando as "prisões gramaticais" e a busca por um sentido "normal" para gênero e sexualidade na educação científica. A análise se concentra na unidade sobre saúde, evidenciando as tensões e potenciais para uma educação mais crítica e transformadora.

O trabalho T06 descreveu a criação e a metodologia de um jogo de cartas didático, "Sexualidades em Jogo," destinado à educação para a sexualidade no currículo escolar. Alicerçado nos Estudos Culturais e em documentos oficiais brasileiros sobre gênero e diversidade, o jogo aborda diversas identidades de gênero e sexuais, violência de gênero, questões sobre o corpo e saúde sexual, e as relações entre sexualidades, gêneros, mídia e religião, buscando promover uma educação inclusiva e crítica, que desafie preconceitos e estereótipos. A estrutura do jogo, com diferentes naipes representando temas específicos e a combinação de cartas para formar famílias diversas, visa facilitar a aprendizagem lúdica e interativa desses conceitos complexos. O objetivo principal é contribuir para um currículo escolar mais abrangente e sensível à diversidade de sexualidades e famílias, superando abordagens moralistas e reducionistas da educação sexual tradicional.

É perceptível a dificuldade da abordagem deste tema em especial pela ausência de recursos didáticos. Portanto, seria interessante ter recursos didáticos, exemplo, espaços formativos como meio de convites que possam trazer histórias, vivências, experiências que

coletivamente são discutidas e nos permitem entrar em contato com nossas formas de pensar e agir quando falamos acerca da sexualidade e gênero nas salas de aulas para com os estudantes (Souza; Ferrari, 2019).

Por outro lado, Sampaio (2022) ressalta que o recurso didático mais conhecido é o livro, disponibilizado para as escolas. Além disso, o livro didático, enquanto artefato cultural, apresenta tanto vantagens quanto desvantagens em seu uso. Muitas vezes, contém termos antiquados e transmite uma concepção sexista, racista e normativa da sexualidade e do gênero, influenciando tanto docentes quanto discentes (Louro, 2014).

Sampaio (2022) ressalta que a escassez de materiais didáticos sobre gênero e sexualidade contribui para a perpetuação de concepções normativas, transmitidas de geração em geração. Esse cenário fortalece a heteronormatividade e consolida visões androcêntricas na sociedade. Assim, pode-se também explorar a perspectiva lúdica abordada pelos trabalhos selecionados, tornam-se fundamentais as práticas pedagógicas que introduzam o tema por meio de questionamentos prévios e de diversos recursos didáticos (Morando; Souza, 2019).

3- Escola: sexualidade e gênero

Nesse último tema foram agrupados os trabalhos T05, T07 e T08. O T05 analisou a discriminação contra homossexuais no ambiente escolar, utilizando a perspectiva teórica de Michel Foucault para desconstruir os discursos que perpetuam essa marginalização. A pesquisa, realizada em uma escola de Pernambuco, evidencia como tecnologias disciplinares, presentes na organização espacial da sala de aula e nas relações de poder entre professores e alunos, reforçam a heteronormatividade e silenciam as vozes dissidentes. O estudo explora as relações de poder-saber que produzem a homossexualidade como uma categoria anormal e problematiza a forma como a educação reproduz esses discursos discriminatórios. Finalmente, o trabalho propõe a utilização do pensamento foucaultiano no ensino de Biologia e Ciências para promover uma ruptura com esses padrões, buscando um ambiente escolar mais inclusivo e respeitoso à diversidade sexual.

O T07 analisou a presença de discussões sobre gênero e sexualidade em publicações sobre ensino de Química, identificando lacunas significativas. A pesquisa, de natureza qualitativa e bibliográfica, busca entender como a área da química aborda temas como orientação sexual, identidade de gênero e diversidade sexual, revelando uma precariedade na inclusão de

perspectivas além da discussão sobre mulheres na ciência. O estudo concluiu que, embora haja um crescente interesse na temática, o ensino de Química ainda apresenta "alergias" a discussões que extrapolam o alinhamento sexo-gênero-desejo, indicando a necessidade de ampliar o debate para incluir grupos marginalizados e incorporar novas abordagens pedagógicas.

Finalizando o T08, extraído de um trabalho de mestrado em Educação, investigou a relevância de integrar debates sobre gênero e sexualidade em aulas de biologia, utilizando a perspectiva da diversidade e diferença. A pesquisa baseia-se em entrevistas com estudantes do ensino médio, analisando o papel docente na construção curricular e problematizando o discurso biologizante frequentemente presente no ensino da biologia. Os autores propõem um currículo que valorize a experiência social dos alunos, contrastando com um modelo tradicional, e defendem a abordagem da "biologia menor", que questiona a visão reducionista do corpo e abre espaço para discussões inclusivas sobre gênero e sexualidade, buscando um ensino mais contextualizado e crítico.

Além disso, a discussão sobre gênero e sexualidade no contexto escolar possui um caráter interdisciplinar. Em cada disciplina, e em seu diálogo com outras áreas da matriz curricular da educação básica, o tema pode ser abordado de diferentes maneiras, contemplando seus principais aspectos. Entre eles, destacam-se a diferenciação entre sexo e gênero, sexo e sexualidade, além da construção relacional da categoria de gênero (Soares; Almeida, 2016).

Há uma tendência em se abordar em sala de aula os conceitos biomédicos, desconsiderando a globalidade em que estão inseridas as relações de gênero e sexualidade. As temáticas de corpos, gêneros e sexualidades estão inseridas nas questões sociais e fazem parte do cotidiano escolar, manifestando-se em diversas situações, como a separação de filas entre meninas e meninos (Louro, 2014). Essas vivências são inerentes ao ambiente escolar e, conseqüentemente, ao currículo, precisam ser debatidas e problematizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atas do XIV ENEPC tiveram um total de 1049 trabalhos, apenas oito abordaram o tema de forma explícita, isto é, uma representação de 0,76%. Esse quantitativo de trabalhos é preocupante, posto que existem demandas cada vez mais crescentes vinda da população,

principalmente do mais jovens, que visam entender melhor os assuntos que tocam a questão do gênero, sexualidade, suas intersecções e exclusividades. Através das análises feitas dos trabalhos que foram encontrados, nota-se uma necessidade de aumentar o quantitativo de trabalhos a respeito desta temática em vista do aumento da demanda por este assunto.

Os trabalhos discutiram a importância da inclusão de gênero e sexualidade no currículo escolar, com foco no ensino de Ciências e Biologia e um no ensino de Química. Os estudos argumentaram que a escola tem um papel importante na formação das identidades sociais dos alunos e que, portanto, deve ser um espaço que reconheça e valorize a diversidade. Além disso, apontaram para a influência do movimento “Escola Sem Partido” no Brasil, que busca restringir as discussões sobre gênero e sexualidade nas escolas, muitas vezes com base em argumentos religiosos e morais. Esse movimento tem gerado um clima de medo e insegurança entre os professores, levando-os a autocensura por receio de represálias.

Diversos relatos de professores de Ciências e Biologia ilustraram os desafios enfrentados ao abordarem temas relacionados à sexualidade, incluindo a resistência de colegas, pais e até mesmo da direção da escola. Uma das estratégias utilizadas por alguns professores para contornar essas dificuldades é enquadrar as discussões dentro do contexto da saúde, o que confere maior legitimidade aos temas. No entanto, as pesquisas analisadas aqui defenderam a necessidade de ir além da mera instrução biológica, explorando as dimensões sociais, culturais e políticas da sexualidade. A formação docente é apontada como um elemento crucial para a construção de um currículo mais inclusivo e problematizador, que reconheça a diversidade de gêneros e sexualidades.

Torna-se relevante fazer futuros trabalhos a respeito desta temática analisando outras edições de eventos e revistas, buscando ver como gênero e sexualidade tem sido abordado na literatura e como tem se adaptado ao currículo de ciências na escola. Também é importante acompanhar as flutuações e variações do currículo de ciências e adicionar enfoques nas questões que tangenciem o gênero, a orientação sexual, identidade de gênero e representação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, L. C. M. Gênero e Sexualidade na BNCC: Possibilidades para Implementação da Disciplina Educação Para Sexualidade na Educação Básica. **Revista Artes de Educar**, v. 8, n 1, p. 263-286, 2022.

BARROS, C. S.; RIBEIRO, R. P. Educação para a sexualidade: uma questão transversal ou disciplinar no currículo escolar? **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 11, n.01, p. 1-23, 2012.

BRASIL, Ministério da Educação, (2015). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF.

BRASIL, Ministério da Saúde, (2017). **Saúde e Sexualidade de adolescentes**. Brasília, MS/OPAS.

COELHO, L. J.; CAMPOS, L. M. L. Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos. **Ciência & Educação**, v. 21, n. 4, p. 893-910, 2015.

COSTA, D. W. S.; SILVA, C. A. S. “Que palhaçada é essa?”: Um relato sobre a sexualidade no ensino de Ciências. **Diversidade e Educação**, v. 5, n. 2, p. 96–101, 2018.

LAGO, C.; TAROUÇO, S. J. V. B.; SILVA JUNIOR, E. E. A sexualidade no horizonte do discurso pós-moderno. **Reflexão e Ação**, v. 24, n. 1, p. 309-328, 2016.

LEITE, V. S. M.; MEIRELLES, R. M. S. D. Perspectivas curriculares sobre a temática gênero e sexualidade no ensino de ciências e biologia: controvérsias no PCN e na BNCC? **Revista Teias**, v. 22, n. especial, p. 28-47, 2021.

MORANDO A.; SOUZA; S. G. N. Corpo, sexualidade e gênero: verdades imbricadas ao ensino de ciências e de biologia. **Revista Diversidade e Educação**. v. 07, n.01, p.05, 2019.

PEREIRA, Z. M.; MONTEIRO, S. S. Gênero e sexualidade no ensino de ciências no Brasil: análise da produção científica recente. **Revista Contexto & Educação**, v. 30, n. 95, p. 117-146. 2015.

PRODANOV, C. C. FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2.a edição, Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROSA, L. S.; MACKEDANZ, L. F. A análise temática como metodologia na pesquisa qualitativa em Educação em Ciências. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 16, e8574, p. 1-23, 2021.

RESENDE, G. D. M. Ensino de Ciências e sexualidade: razões para a exclusão de termos acerca da sexualidade na BNCC. **Revista Educação Pública**, v. 24, n. 6, p.1-3. 2024.

SAMPAIO, M. V. A. **Ensino de Ciências, Gênero e Sexualidade: Avanços e Desafios na sala de aula**. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Naturais, Universidade de

Brasília, 2022.

SOARES, G. A.; ALMEIDA, M. D. Análise de trabalhos apresentados na ANPED (2004 a 2013) com a temática de gênero e sexualidade no ensino das ciências. **Revista Reflexão e Ação**, v. 24, n. 01, p. 1-15, 2016.

SOUZA, L. M.; FERRARI, A. Inquietações sobre gênero e sexualidade em espaços formativos: o caso do Pibid de Ciências. **Ensino em Re-Vista**, v.26, n.1, p.1-20, 2019.

SILVA, R. D.; SOUZA, I. S.; SOUSA, E. H. A. M.; CUNHA, A. K.; FARIA FILHO M., F. Políticas educacionais brasileiras relacionadas à educação sexual no ensino de ciências. Boletim de Conjuntura (BOCA), v. 14, n. 40, p. 190-202, 2023.

VIEIRA; M. W. J; LEITE; M. C. R. Estado da questão acerca da confluência entre sexualidade e Ensino de Ciências. **Revista Educar Mais**. v.06, n.03, p.02, 2022.